A ÁFRICA NÃO ESTÁ EM NÓS
A HISTÓRIA AFRICANA NO IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DO RECÔNCAVO BAIANO

Anderson Ribeiro Oliva*

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar parte dos resultados obtidos pelo projeto de pesquisa "A África nos Bancos Escolares", desenvolvido ao longo dos anos de 2007 e 2008 no Recôncavo Baiano. A investigação obteve, por meio da aplicação de questionários em escolas do ensino fundamental e médio da região, um conjunto significativo de informações. Os dados analisados referem-se às principais categorias de imagens que os estudantes associaram ao continente e as suas sociedades. A proximidade entre as categorias ou representações identificadas em mais de trezentos questionários catalogados revela a fusão dos cenários imagéticos construídos por jovens estudantes do Recôncavo com algumas referências associadas à África pelo imaginário social brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de história africana; representações; Recôncavo Baiano.

ABSTRACT: This article examines some of the results of the research project "Africa in the Banking School", developed over the years 2007 and 2008 in Recôncavo Baiano. Research obtained through the use of questionnaires in elementary and middle schools of region a number of significant information. The results now analyzed refer to the main sets of images that students associated to the continent and its societies. The proximity of the categories or representations identified in more than three hundred questionnaires cataloged reveals the fusion of imagistic scenarios played or built by young students of Recôncavo associated with some references to Africa by the Brazilian social imaginary

KEYWORDS: teaching of african history; representations; Recôncavo Baiano.

* Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade de Brasília (Área de História da África). Doutor em História Social pela UnB. E-mail: oliva@unb.br.

Região de indiscutível ascendência populacional africana, o Recôncavo Baiano seria um cenário propício para a difusão, valorização e construção das identidades e vinculações históricas que ligam brasileiros e africanos[1]. Mais do que isso, o conhecimento das trajetórias e experiências histórico-culturais vivenciadas por diversas sociedades africanas deveriam ser referências cotidianas para milhares de crianças e jovens que frequentam os bancos das escolas das cidades da região. Convicto da precisão e relevância desses argumentos poder-se-ia perguntar a esses jovens estudantes: "Quais são as imagens e as memórias da África que circulam, hoje, pelas ruas, praças e escolas de nossas cidades?" As respostas para essa questão transcendem às reflexões expostas no presente artigo. Mesmo assim, tentaremos apresentar alguns apontamentos sobre tão inquietante e valioso assunto.

Vivemos em tempos marcados pelos intensos debates acerca da construção de políticas públicas voltadas para a população afrodescendente. Momento considerado, por muitos, desaguadouro de uma longa trajetória de ações de movimentos sociais e da valorização e divulgação de leituras positivas sobre a África realizadas por associações culturais e pelas casas religiosas de matriz africana. Para uma avaliação mais equilibrada desse quadro não devemos deixar de citar as importantes contribuições do crescente e qualificado corpo de estudiosos que tem se dedicado a investigar e refletir sobre aquele continente e suas sociedades. No entanto, nunca esquecendo as exceções, a idéia de África que por essas terras sobreviveu não parece ser muito otimista, positiva ou real.

Para alguns ela passou a confundir-se, justamente, com as reinvenções culturais africanas ocorridas por aqui. Ou seja, com uma África intestinal ao Brasil, cantada pela memória da escravidão, das comidas "típicas", das religiões africanas recriadas em solo americano e pelas ideologias e imagens espelhadas pela invenção da chamada "mama África", mítica em suas origens e perspectivas. Sobre a África histórica, do outro lado do Atlântico, muito pouco se sabe.

[1] Acerca das investigações sobre a presença dos africanos no Recôncavo Baiano ver os seguintes trabalhos: OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. "Quem eram os 'negros da Guiné'? A origem dos africanos na Bahia". In: *Afro-Ásia*, n. 19/20, p. 37-73, 1997 e PARÉS, Nicolau. "O processo de crioulização no Recôncavo Baiano (1750-1800)". In *Afro-Ásia*, n. 33, p. 87-132, 2005. Versão anterior e modificada deste texto introdutório foi publicada no seguinte ensaio: OLIVA, Anderson Ribeiro. Memórias da África. In *Reverso*, Jornal do Curso de Jornalismo da UFRB, Cachoeira- BA, n 11, p. 2, ago. 2008.

Fora essas imagens, outras "lembranças" de África, frutos das falsificações da história e dos estereótipos formulados acerca do passado ou do presente africanos, convivem nos espaços mentais de milhares de jovens baianos. Para evitarmos injustiças com os que tratam a África de forma distinta e para construirmos um quadro de análises que transcenda o "senso-comum" ou a simples crença de que tais imagens dominem os cenários mentais de todos sobre certo tema, montei um grupo de pesquisa articulado ao projeto "A África nos Bancos Escolares"[2] com o objetivo de catalogar e sistematizar, por meio de questionários aplicados em escolas, algumas das ideias de África que circulavam na região. Longe de apontarem para uma prova definitiva das idéias acima apresentadas, os resultados da investigação apenas revelam a existência de algumas imagens mentais acerca do continente entre os estudantes das escolas da região. Mesmo assim, eles podem ser reflexos de um grande espelho imaginário construído sobre a África.

Buscando manter um diálogo com as referências anteriormente citadas, o presente artigo tem como objetivo principal analisar, justamente, alguns dos dados obtidos pela citada investigação[3]. Na primeira parte do texto a intenção é observar como os entrevistados – estudantes e professores de História – significavam a importância do ensino e do estudo da história africana e como os estudantes associavam à África e aos africanos algumas características – positivas e negativas – listadas sobre o continente e suas

[2] A pesquisa desenvolvida junto ao Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia possuía como objetivo principal a análise das construções imaginárias acerca da história africana e da África por parte de estudantes dos Ensinos Fundamental (5ª a 8ª série) e Médio (1° ao 3° ano) e professores de História em escolas do Recôncavo Baiano – Santo Amaro da Purificação, Cachoeira e São Félix. O projeto faz parte de uma investigação que reúne estudos de caso de maior amplitude abordando as representações sobre a história da África nos manuais escolares e no ensino de História no espaço histórico conhecido como Mundo Atlântico. Seus objetivos acercam-se da tentativa de sistematização de algumas idéias recorrentes sobre o continente africano, produzidas e preservadas pelas referências mentais que circulam tanto no chamado imaginário social coletivo, como no imaginário escolar. A metodologia principal nesta parte da investigação consistiu na aplicação e análise de questionários que objetivavam materializar algumas dessas representações formuladas sobre a história africana no espaço eleito para investigação. Os dados agora apresentados foram obtidos pelo trabalho da bolsista do curso de História, Geisa Sodré Schitini. Agradecemos o apoio da PROPAAE-UFRB.

[3] Alguns resultados da pesquisa, referentes apenas ao ensino fundamental, foram apresentados no seguinte artigo: OLIVA, Anderson Ribeiro. O Espelho Africano em Pedaços: Diálogos entre as representações da África no imaginário escolar e os livros didáticos de história, um estudo de caso no Recôncavo Baiano. In *Recôncavos*, Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB, v. 1, p. 1-18, 2007.

sociedades. Na segunda e última parte, as análises irão se debruçar sobre um conjunto de representações elaboradas pelos próprios estudantes, a partir da livre escolha das imagens que segundo suas impressões pessoais estariam mais associadas ou que mais lembrassem a África, agora sem a interferência tão direta do investigador. Classificamos essas imagens em categorias construídas com o objetivo de agrupar as representações formuladas por tema ou assunto enfatizado. Vejamos o quanto elas se aproximam ou se afastam do chamado imaginário social brasileiro sobre os africanos.

A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS AFRICANOS E OS OLHARES DIRIGIDOS SOBRE A ÁFRICA

Partimos da premissa de que, para estabelecer qualquer reflexão histórica ou propor projetos e ações para as escolas envolvendo a abordagem do ensino de história africana, é preciso criar um quadro diagnóstico seguro e baseado no tratamento de dados empíricos. Dessa forma, a pesquisa pautou-se, em um primeiro momento, na aplicação de questionários[4] para estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio que freqüentavam escolas da região (ver gráfico 1) e para professores de História que ministravam aulas nessas instituições, com o objetivo de sistematizar informações e os apontamentos feitos por todos sobre a temática em foco. Das respostas extraídas dos 333 questionários devolvidos pelos estudantes e das entrevistas realizadas com quatro professores chegou-se a um conjunto revelador de resultados.

[4] O questionário aplicado aos estudantes durante a pesquisa se encontra no anexo I. Para os professores as perguntas foram distintas, versando sobre os seguintes tópicos: a formação profissional; a preparação teórica sobre o tema; a importância do estudo da história da África; e, se o livro didático adotado na escola abordava conteúdos referentes ao assunto.

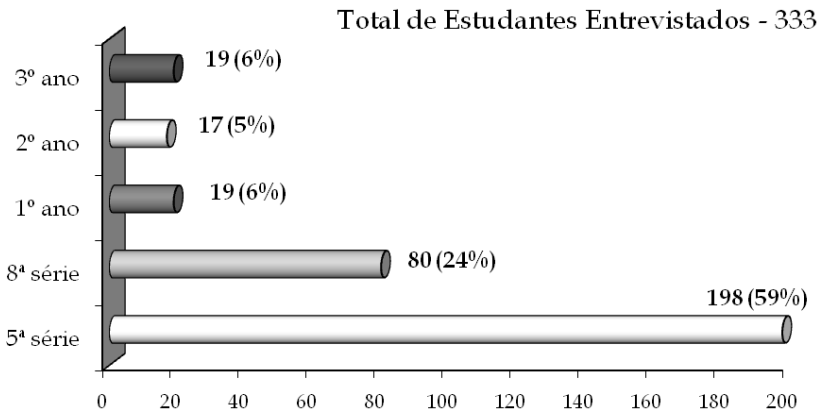

Gráfico 1
(Fonte: Projeto "A África nos Bancos Escolares")

O modelo de questionário aplicado para os estudantes intentava mapear dois conjuntos de informações. Com as perguntas 1 e 3 buscamos conhecer a relevância e o interesse que os estudantes possuíam acerca da história africana. As respostas apontaram para um quadro estimulante. Daqueles que responderam às questões, 98% afirmaram que achavam *importante* o estudo da história africana, enquanto 92% revelaram que *gostariam* de estudar conteúdos referentes ao tema. Já nas perguntas 2 e 4, a intenção foi de sistematizar as idéias que os estudantes associavam ou fabricavam acerca do continente. Neste caso, pôde-se concluir que as representações informadas são convergentes com as imagens que circulam em parte do imaginário social brasileiro acerca da África e dos africanos[5]. Por exemplo, na segunda questão apresentada pelo questionário solicitávamos que os inquiridos conferissem ao continente, as suas populações e à história africana

[5] Claro está que os resultados obtidos pela investigação não podem ser simplesmente estendidos ou emprestados para toda a população da região. Metodologicamente não intentávamos fazer tal aproximação relacional. No entanto, no campo das análises e reflexões somos tentados a pensar que os estudantes possam ser dimensionados como espelhos, ou melhor, reflexos participantes daquilo que denominamos de imaginário social. Acerca das representações e das idéias de África na Bahia e no Brasil, ver os seguintes artigos: SANSONE, Livio. Da África ao Afro. Uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura brasileira durante o século XX. In: *Afro-Ásia,* n. 27, p. 249-269, 2002; OLIVA, Anderson Ribeiro. Notícias sobre a África: representações do continente africano na revista VEJA (1991-2006). In: *Afro-Ásia*, n. 38, p.141-178, 2008.

cinco características de dez apresentadas em uma lista. Mesmo compreendo a limitação emprestada às respostas, o espelho imaginário projetado é, sem sombra de dúvidas, revelador.

A maioria dos jovens, 87% deles, acreditava que a "Fome e a Miséria" seriam características associadas obrigatoriamente aos africanos. Um número muito próximo, 86%, defendia que uma das faces principais do continente seria o fato de que suas populações teriam pele negra (enquanto apenas 12,9% citaram também as populações de pele branca). A AIDS e as tragédias, referências imagéticas recorrentemente associadas aos africanos pelo *mass media*, ocupavam lugares de destaque nos cenários mentais de 72% daqueles jovens. A África que se confunde historicamente com a escravidão e o tráfico de escravos foi citada por 62% dos inquiridos. Outras visões comuns sobre o continente seriam aquelas que responderiam pelo processo de reinvenção ou invenção das culturas negras no Atlântico, ou seja, idéias de uma África distante do continente, mesmo que relacionada a ele. São os casos das referências ao "Candomblé, Capoeira e Samba" citadas como características africanas por 71% dos estudantes. As "Guerras, conflitos e massacres", espelhados como algumas das faces contemporâneas de África foram lembrados por 53% dos jovens.

Acerca das imagens que poderíamos classificar como neutras encontramos um quadro que não ultrapassou a 20 % do total de entrevistados. As referências a algumas das mais conhecidas experiências políticas e históricas africanas, como o "Egito, Méroe e Kush", ou, simplesmente, a idéia de que na África teriam existido "Grandes Reinos, Impérios e Civilizações", reuniam, respectivamente, 13% e 20% das respostas. Por fim, apenas 16% dos estudantes assinalaram o campo que associava ao continente com a existência de "Grandes Centros Urbanos" (ver gráfico 2).

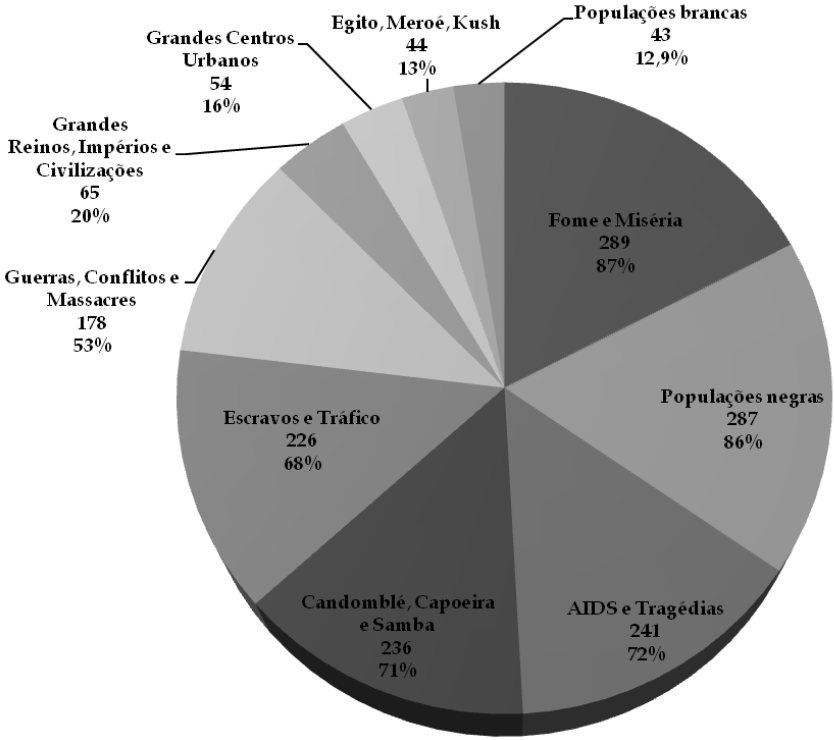

Gráfico 2
(Fonte: Projeto "A África nos Bancos Escolares")

Acerca das respostas dos professores encontramos, nos quesitos abordados, um quadro consensual com a realidade vivenciada por uma grande maioria de docentes brasileiros[6]. Se no cenário nacional existe – apesar dos esforços de diversas instituições em promover cursos de capacitação – uma clara situação de defasagem entre a formação docente na área dos estudos africanos e as possibilidades de aplicação da legislação vigente nas salas de aula, as condições da região do Recôncavo Baiano não estão muito

[6] Sobre o tema, ver os seguintes trabalhos: LAUREANO, Marisa Antunes. O Ensino de História da África. In: *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 44, p. 333-349, jul./dez. 2008; e, OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nos cursos de formação de professores: panorama, perspectivas e experiências. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 28, p. 187-219, 2006.

longe disto. Dos quatro professores de História – todos com graduação na área – apenas dois (2) haviam cursado disciplinas sobre o assunto em suas licenciaturas. Apesar de todos sinalizarem para a *importância* dos estudos africanos na educação básica brasileira, apenas dois (2) sentiam-se com domínio das estratégias teórico-metodológicas para a abordagem desses conteúdos no ambiente escolar. Por fim, em apenas um (1) dos quatro (4) manuais escolares trabalhados pelo conjunto de professores entrevistados existiam referências à história africana.

Na última questão do questionário aplicado aos estudantes solicitávamos que desenhassem, em um quadro, a principal imagem que possuíam sobre os africanos e a África. Mesmo que parte das respostas tenha sido contaminada pelos ingredientes apresentados na lista incluída no item 2 do questionário é certo que elas revelam também as cenas mentais e as idéias de África que aqueles jovens comungam cotidianamente. Procuramos, assim como no tratamento concedido às informações anteriores, catalogar as imagens por categorias que revelassem os principais cenários mentais fabricados. Vejamos agora como os jovens alunos representaram ao continente, as suas populações e a história da África a partir do uso livre de suas referências mentais e imaginárias. Devido à natureza um pouco distinta desse exercício – livre construção – iremos analisá-lo em um tópico a parte.

AS IMAGENS DA ÁFRICA FABRICADAS PELOS ESTUDANTES NO RECÔNCAVO

Ao analisar o conjunto de representações encontradas nos formulários – desenhos e textos foram muitas vezes combinados pelos estudantes – pôde-se construir, por afinidade dos temas, sete (7) categorias associativas de idéias sobre a África e suas populações: "Paisagens" (88); "Fome e Miséria" (69); "Escravidão" (68); "Populações Negras" (42); "Berço Cultural" (27); "Guerras" (23); e, "AIDS" (11) (ver gráfico 3)[7].

[7] Cinco estudantes não responderam à questão.

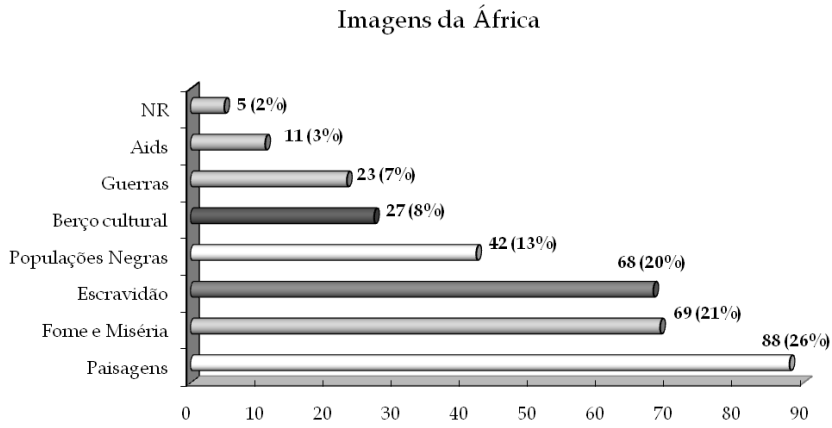

Gráfico 3
(Fonte: Projeto "A África nos Bancos Escolares")

Na primeira categoria, que agrupou 26% das imagens, a tônica concentrou-se na tentativa, por parte dos estudantes, de relacionar o continente as suas paisagens naturais, destacando figuras da fauna, flora e dos espaços físicos africanos. Neste caso, a África parece se confundir com alguns dos estereótipos mais comuns a ela associados: os espaços dos "safáris" – os das matanças da primeira metade do século XX, ou os turísticos do século XXI –; a natureza selvagem – florestas, rios, grandes mamíferos, desertos - , que alimentam mitos e referências visuais de milhões de homens e mulheres ocidentais, construídos a partir das experiências coloniais européias naquele continente e, ou, por meio da literatura ou do cinema[8]. Outro dado recorrente nas figuras elaboradas pelos jovens foi a presença do *sol*. Associação que informa a idéia de que o calor, a exposição excessiva às altas temperaturas e os desertos seriam elementos dominantes nas paisagens do continente.

[8] Acerca do tema, ver o seguinte trabalho: MARGARIDO, Alfredo. Tarzan: Paradigma da branquização da África. In: HENRIQUES, Isabel Castro (org.). *Novas relações com África*: que perspectivas? Actas do III Congresso de Estudos Africanos do Mundo Ibérico. Lisboa: Vulgata, 2003. p.105-121.



Imagem 01
(Fonte: Projeto "A África nos Bancos Escolares")

Na segunda categoria – "Fome e Miséria" – foram associadas 21% das representações formuladas. Neste caso podemos projetar que as imagens veiculadas desde a década de 1980 pelos meios de comunicação sobre a África são uns dos possíveis motivos explicativos para essa repetição de cenas. A mesma afirmativa pode ser feita em relação às referências que dominam as telas das produções cinematográficas: conflitos, pobreza, violência e doenças. Ao mesmo tempo, algumas das poucas abordagens realizadas pelos livros didáticos sobre a história do continente enfatizam justamente a perspectiva de que os países africanos no período posterior às independências passaram a integrar o centro do Terceiro Mundo e começaram a compartilhar certas características históricas, geopolíticas, políticas e sociais: instabilidade governamental, corrupção, conflitos inter-étnicos, massacres[9].

[9] Acerca das abordagens realizadas por manuais escolares referente ao período citado, ver: OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África:* diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da História da África no Mundo Atlântico (1990-2005). 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007, p. 298-302.

Neste caso poderíamos incluir também as sexta e sétima categorias observadas, "Guerras" e "AIDS", que concentraram 7% e 3% das representações, respectivamente. As imagens apresentadas a seguir realizam uma espécie de síntese das idéias negativas atribuídas à África. Na primeira, o jovem autor incluiu de forma escrita no centro de um esboço de mapa continental algumas dessas referências: "Fome"; "Miséria", "Doenças"; "Tragédias"; "AIDS"; "Desertos"; "Povos Pobres". Na segunda, o cenário descrito "fala por si só".

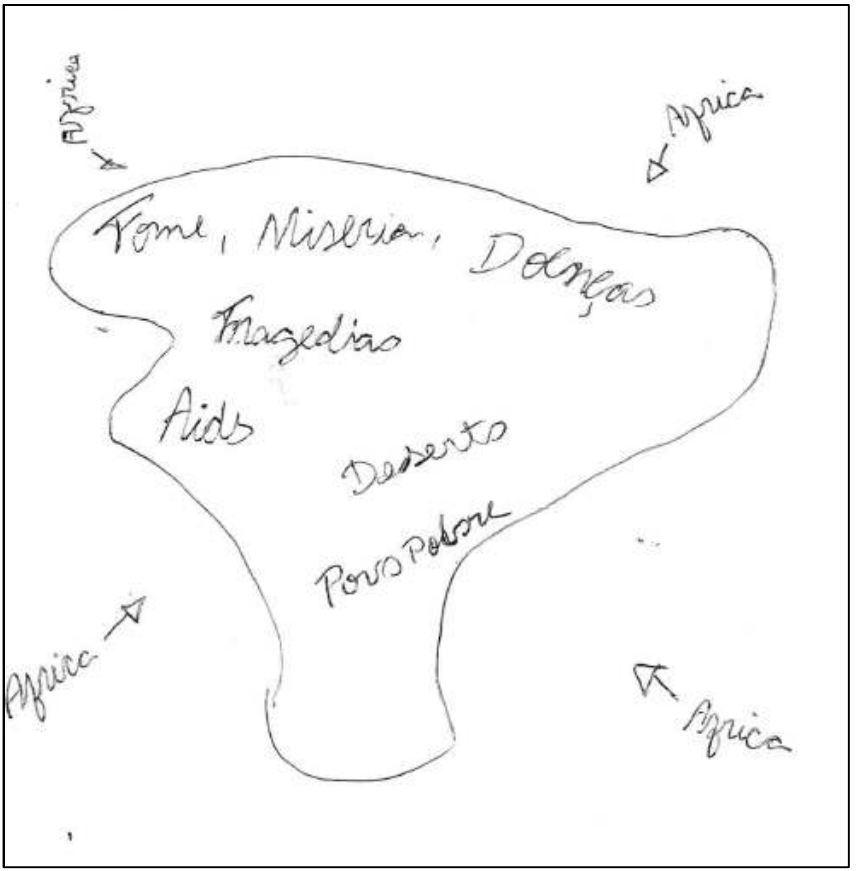

Imagem 02
(Fonte: Projeto "A África nos Bancos Escolares")



Imagem 03
(Fonte: Projeto "A África nos Bancos Escolares")

No terceiro grupo de representações, "Escravidão", encontramos 20% das imagens fabricadas. De certa forma é consensual que durante gerações escolares as únicas notícias que circulavam sobre a África nas salas de aula fossem aquelas que vinculavam os africanos, a África e a história africana à escravidão nas Américas (ver imagem 04). A ausência de abordagens sobre a história africana que se desenrolou do outro lado do Atlântico cristalizou a perspectiva de que as trajetórias históricas de suas sociedades teriam tido início juntamente com o tráfico de escravos. Da história pregressa das populações africanas tocadas pela diáspora quase nada era informado. Surgidos por autogênese nos porões dos negreiros ou referenciados de forma

abstrata e genérica como *sudaneses* ou *bantos*, os africanos perdiam suas especificidades e pluralidade. Outro movimento comum foi passar a associá-los às reinvenções culturais e identitárias que ocorreram do lado de cá do Atlântico. Neste caso, as fórmulas e sínteses culturais intituladas de afro-brasileiras ou como de matrizes africanas também acabaram por ocupar o lugar daquilo que deveria ser a história da África propriamente dita. Tal realidade se revela por meio da quinta categoria encontrada pela pesquisa, a qual se concedeu o título de "Berço Cultural" (8%), ou seja, a África pensada *apenas* como palco de onde se originaram várias das referências culturais denominadas de afro-brasileiras, como a capoeira e o candomblé (ver imagem 05).

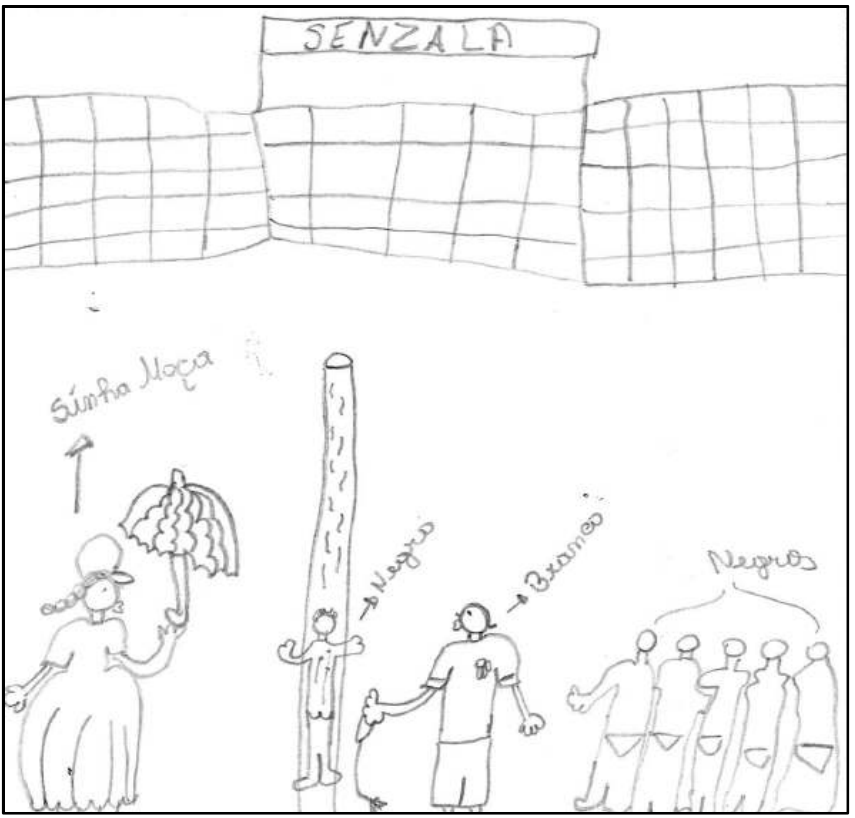

Imagem 04
(Fonte: Projeto "A África nos Bancos Escolares")

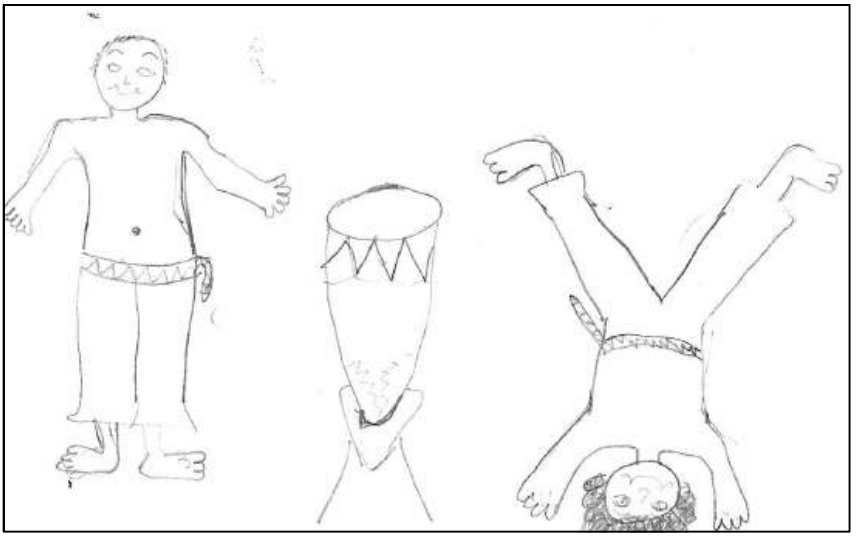

Imagem 05
(Fonte: Projeto "A África nos Bancos Escolares")

Por fim, a última categoria elencada foi denominada de "Populações Negras" (13%). As referências aos africanos como negros e as possíveis explicações para tal característica foi motivo de longo e complexo debate histórico (ver imagem 06)[10]. De certa forma, a perspectiva de que as populações africanas seriam exclusivamente negras é tributária das visões que dividiram o continente em duas partes distintas, não articuladas e não relacionáveis historicamente: a África branca (árabe) e a África negra. Não me parece que exista outra forma de tratar a África a não ser pela sua totalidade continental ou pelos seus pluralismos. Ao mesmo tempo, aquilo que em décadas anteriores serviu como libelo ou modelo ideológico a ser seguido pelos habitantes da África sul saariana – as teses da *negritude* – mesmo que ainda se encontre vivo em algumas partes do Mundo Atlântico, deixou de ser projeto político-identitário para a maioria dos africanos há alguns anos. Novamente, pode-se afirmar que é a ausência de substância

[10] Acerca do tema, ver os seguintes artigos: MACEDO, José Rivair. Os filhos de Cam: a África e o saber enciclopédico medieval. In: *Signum*, v. 3, p. 101-132, 2001; e, SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens de uma gente de cor preta. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 24, n. 2, p. 275-289, 2002.

histórica, de conteúdos trabalhados sobre a história do continente, em associação com a história do tráfico e da escravidão que podem explicar a continuidade de uma imagem que torne a África una, homogênea e genérica.

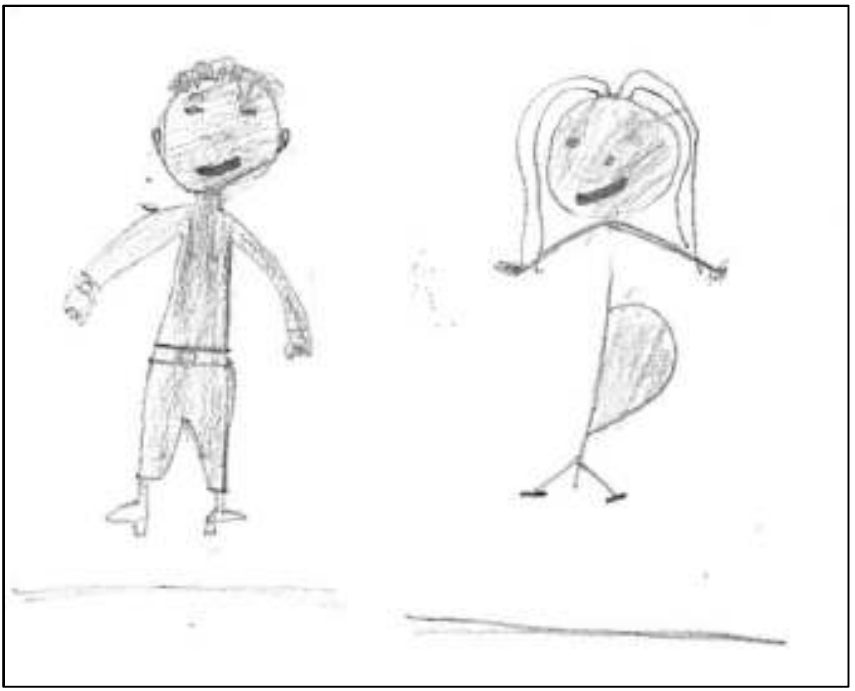

Imagem 06
(Fonte: Projeto "A África nos Bancos Escolares")

REFLEXÕES FINAIS

Após percorremos as trilhas imaginárias das referências construídas por estudantes do Recôncavo Baiano sobre a África, os africanos e suas histórias podemos identificar alguns indícios acerca das origens dos problemas e reforçar os sinais que indicam os caminhos para algumas soluções. Percebe-se que, apesar de professores e estudantes reconhecerem em sua esmagadora maioria – 98% dos alunos e 100% dos professores – a importância dos estudos africanos nas escolas da região, ainda vigora uma situação emblemática e complexa de se resolver. As imagens que compõem os cenários mentais de grande parte dos entrevistados apontam para um cru-

zamento ou sintonia com as referências imagéticas e idéias de África que conduzem a ação mental de milhões de brasileiros cotidianamente: os estereótipos.

Nem uma região que para todos parece estar historicamente embebida de africanidades parece ter em sua memória histórica lembranças positivas do continente. Neste caso, apenas a ação coordenada de movimentos e associações culturais e sociais e, fundamentalmente, a abordagem adequada de conteúdos da história africana nas salas de aula podem reverter em curto espaço de tempo esses esquecimentos relacionais e substituir as imagens que conduzem os olhares lançados daqui sobre o continente que é nosso vizinho pela fronteira atlântica sul, seja no presente ou no passado.

Artigo recebido em 1 de outubro de 2009.
Aprovado em 21 de outubro de 2009.

REFERÊNCIAS

FLORES, Elio Chaves. Etnicidade e ensino de História: a matriz cultural africana. In: *Tempo,* Niterói-RJ, n. 21, p. 65-81, 2008.

HORTA, José da Silva. A representação do africano na literatura de viagens, do Senegal a Serra Leoa (1453-1508). *Mare Liberum*, Lisboa, n. 2, p. 209-339, 1991.

JESUS, Nauk Maria de; SYMANSKI, Luis Claudio Pereira. Olhares e reflexões sobre africanos e afro-descendentes em Mato Grosso – séculos XVIII e XIX. In: JESUS, Nauk Maria de et al. *Ensino de História*. Trajetórias em movimento. Cáceres-MT: Editora UNEMAT, 2007. p. 57-70.

LAUREANO, Marisa Antunes. O ensino de História da África. In: *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 44, p. 333-349, jul./dez. 2008.

LIMA, Mônica. A África na sala de aula. *Nossa história*, ano 1, n. 4, fev. 2004.

LOPES, Carlos. A pirâmide invertida - historiografia africana feita por africanos. In: *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Lisboa: Linopazas, 1995.

MATTOS, Hebe Maria. O ensino de História e a luta contra a discriminação racial no Brasil. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História*: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/FAPERJ, 2003. p. 127-136.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 23, n. 1, p. 171-209, 2001.

NETO, Maria da Conceição. Professores e história de África: as intenções e a realidade. In: *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Lisboa: Linopazas, 1995. p. 537-553.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no Imaginário Ocidental. *Em tempo de Histórias*, Brasília, ano 9, n. 9, p. 90-114, 2005.

_____. O espelho africano em pedaços: diálogos entre as representações da África no imaginário escolar e os livros didáticos de história, um estudo de caso no Recôncavo Baiano. In: *Recôncavos*, Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB, v. 1, p. 1-18, 2007.

_____. A história africana nos cursos de formação de professores: panorama, perspectivas e experiências. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1/2/3, p 187-219, 2006.

_____. *Lições sobre a África*: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da História da África no Mundo Atlântico (1990-2005). 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PANTOJA, Selma; ROCHA, Maria José (orgs.). *Rompendo silêncios*: história da África nos currículos da educação básica. Brasília: DP Comunicações, 2004.

WEDDERBURN, Carlos Moore. Novas bases para o ensino da História da África no Brasil. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. *Educação Anti-racista*: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03. Brasília: MEC/Secad, 2005. p. 133-166.

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS – CAHL
PRÓ-REITORIA DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS E ASSUNTOS ESTUDANTIS
PROGRAMA DE PERMANÊNCIA da UFRB

Prezado (a) Estudante, obrigado por participar de nossa investigação. Pedimos que

A - DADOS GERAIS

1. COLÉGIO EM QUE ESTUDA: _____
2. EM QUE SÉRIE VOCÊ SE ENCONTRA?_____
3. QUAL É SUA IDADE? _____

B - QUESTÕES PROPOSTAS

1. ESCOLHA DAS CARACTERÍSTICAS OU REFERÊNCIAS LISTADAS ABAIXO AQUELAS QUE VOCÊ ACREDITA PERTENCER À HISTÓRIA DA ÁFRICA (MARQUE APENAS 5):

   ( ) GRANDES REINOS, IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES
   ( ) FOME E MISÉRIA
   ( ) GUERRAS, CONFLITOS E MASSACRES
   ( ) GRANDES CENTROS URBANOS
   ( ) AIDS E TRAGÉDIAS
   ( ) POPULAÇÕES BRANCAS
   ( ) POPULAÇÕES NEGRAS
   ( ) EGITO, MEROÉ, KUSH
   ( ) ESCRAVOS E TRÁFICOS DE ESCRAVOS
   ( ) CANDOMBLÉ, CAPOEIRA E SAMBA

2. VOCÊ ACHA IMPORTANTE O ESTUDO DA HISTÓRIA AFRICANA?
   ( ) SIM
   ( ) NÃO

3. VOCÊ GOSTARIA DE ESTUDAR A HISTÓRIA DA ÁFRICA?

( ) SIM

( ) NÃO

4 DESENHE NO QUADRO ABAIXO UMA IMAGEM QUE VOCÊ ACREDITE REPRESENTAR A ÁFRICA, OU SEJA, A IMAGEM MAIS FORTE QUE VOCÊ TEM DA ÁFRICA.

